

Performing the Shelter

*«Quando a distopia parece ser um futuro
provável»*

Conteúdo

Introdução	p2
<u>I/Definição e compreensão dos nossos espaços</u>	p3
A) Tipos de espaço no pensamento de Georges Perec	p3
B) A heterotopia segundo Michel Foucault	p3
<u>II/ A construção dos nossos espaços de vida: territorialização e controlo político</u>	p4
A) A despossessão do espaço segundo David Harvey	p4
B) Matéria e construção segundo Gordon Matta Clark	p4
C) A visão nómada segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari	p4
<u>III/Espaços de vida em crise, um contexto propício ao pensamento distópico</u>	p5
A) Estudo de caso sobre a crise da habitação na Europa	p5
B) Pensamento distópico	p5
Conclusão	p6
Bibliografia / Sitografia	p7

Introdução

Antes de mais, é importante definir os conceitos-chave. Segundo o dicionário, um abrigo é definido como um local ou uma instalação destinada a proteger-nos de algo. É também algo que nos pode proteger do perigo, ou dos males da vida, um lugar onde nos refugiamos. Um refúgio é então definido como um lugar onde nos podemos abrigar. Estes termos estão intimamente ligados aos espaços e traduzem-se em soluções materiais. No entanto, também se pode aplicar uma dimensão psicológica: pode ser uma saída para a mente, como uma determinada ação, atividade ou prática. O pensamento humano pode então tomar o seu lugar como refúgio imaginário. O imaginário e o pensamento estão intimamente ligados e, por vezes, pensar o imaginário é um escape para os males e os desacordos da sociedade e dos nossos estilos de vida. É neste sentido que podemos ser levados a pensar em distopia (um futuro horrível que não queremos) por oposição à utopia (que parece ser um ideal). Segundo o sociólogo Norbert Elias, a distopia é simplesmente uma evolução assustadora da utopia. Estes conceitos revelam um modo de pensar que se correlaciona com o estado da sociedade, sendo uma análise sociológica das representações colectivas.

A memória, sobretudo a memória colectiva, desempenha um papel importante na nossa maneira de pensar. Para corroborar este facto, Dominique Pagès, professora-investigadora, afirma que «as distopias, tal como as utopias, vêem as suas expressões moduladas em função do contexto político e social em que se inserem». Se resumirmos estas reflexões, as utopias e as distopias evoluem e reflectem o discurso social, o contexto e as transformações do mundo. Há várias décadas que o mundo atravessa grandes crises, e essas crises reflectem-se e são visíveis em espaços como as cidades e os espaços públicos. Num mundo em crise, é lógico pensar na distopia como um futuro provável, mas isso não é necessariamente mau: podemos tentar responder a uma distopia criando um modo de vida novo e alternativo. Desta forma, podemos refugiar-nos na imaginação de um mundo em crise, onde, no entanto, existem soluções.

Podemos então perguntar-nos até que ponto pensar na distopia como solução pode ser uma forma de encontrar refúgio. Começaremos por analisar a forma como definimos e compreendemos os nossos espaços, depois passaremos à construção dos nossos espaços de vida (entre a territorialização e o controlo político) e, por fim, veremos que os nossos espaços de vida estão em crise, o que favorece o pensamento distópico.

I/Definição e compreensão dos nossos espaços

A) Tipos de espaço no pensamento de Georges Perec

Na minha opinião, um livro interessante para responder às nossas perguntas é Espécies de espaço, publicado em 1974 por Georges Perec. O autor oferece-nos uma visão inovadora e poética da definição dos nossos espaços de vida. É importante ler e compreender a obra de Perec se quisermos escapar ao nosso quotidiano, que torna os espaços opacos. É verdade que a prática quotidiana do espaço pode ser um travão para a sua análise, o hábito pode tornar-nos cegos e os automatismos da prática não nos permitem ter tempo para ver as coisas de forma diferente. Mas os espaços que utilizamos são parte integrante da nossa construção e moldam-nos. Por isso, temos de os conhecer. Segundo Perec, existem vários tipos de espaço, e três em particular chamarão a nossa atenção: os espaços da imaginação (espaços onde a criatividade se exprime plenamente, com possibilidades infinitas - neste sentido, podem ser um pensamento distópico), os espaços da solidão (espaços importantes porque são um refúgio do ritmo frenético da vida quotidiana) e os espaços da sociedade (espaços que reflectem os nossos pensamentos, emoções e aspirações, da mesma forma que a distopia evolui com a sociedade). São estes mesmos espaços que regem as nossas vidas e os nossos pensamentos.

B) A heterotopia segundo Michel Foucault

Outro pensador importante é Michel Foucault, que introduziu uma nova visão dos nossos espaços que vai para além da utopia ou da distopia. Numa conferência ao Cercle de estudos arquitetura, Espaços e outros, em 1967, definiu a noção de heterotopia. Na sua opinião, esta noção refere-se à diferenciação de espaços, na sua maioria fechados ou isolados, que são descontínuos em relação aos restantes. São lugares «outros» em relação ao imaginário e ao pensamento coletivo. Este pensamento pode levar-nos a comportarmos de forma diferente, a desviarmo-nos da norma estabelecida e dar-nos acesso a novas liberdades. E se o pensamento distópico, como tradução dos males do nosso mundo, nos desse novas liberdades e refúgio?

II/ A construção dos nossos espaços de vida: territorialização e controlo político

A) A despossessão do espaço segundo David Harvey

Se é verdade que a organização espacial e urbana dos espaços públicos, desde a Roma Antiga, foi organizada para a expressão política, e que os nossos comportamentos evoluíram a partir daí (por exemplo, as manifestações políticas têm lugar nas ruas; durante as várias guerras, as notícias eram transmitidas nas praças públicas...), são também espaços controlados pelos políticos no poder. É o que David Harvey pretende demonstrar em Cidades Rebeldes, publicado em 2012. Segundo Harvey, a cidade é «um vasto terreno de acumulação através da desapropriação», o que se relaciona com a ideia de que os nossos espaços induzem comportamentos automáticos em nós, pelo que precisamos de pensar o refúgio através da imaginação. Neste livro, as cidades são descritas como controladas pelo Estado e, por isso, são um terreno fértil para a manipulação do pensamento individual, o que pode ser muito cansativo para os seres humanos.

B) Matéria e construção segundo Gordon Matta Clark

Nesta linha, Gordon Matta Clark definiu a construção (e lembre-se que o abrigo também pode ser definido como uma instalação física) em Material Matters, em 2007, como «o estabelecimento da matéria ao lado de uma forma material culturalmente específica, esse aspeto da decadência estava ele próprio associado a um movimento mais amplo de renovação e mudança contínuas», o que nos remete para a ideia de que a distopia é construída em resposta a um contexto específico. Os nossos estilos de vida e a construção dos nossos espaços são, neste sentido, regidos pelo imaginário coletivo construído pela sociedade e, por conseguinte, um controlo da domesticação. Pensar a distopia como uma forma de mudar a nossa maneira de viver faz todo o sentido.

C) A visão nómada segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari

É então que surgem comportamentos alternativos, como a cultura nómada. Esta cultura foi estudada por Gilles Deleuze e Félix Guattari em Mil Tabuleiros, em 1980. Segundo eles, o nómada recusa a «territorialização», ou seja, a delimitação de um espaço fechado e marcado por lugares. É verdade que a organização do espaço corresponde também à definição do meio social de um indivíduo. Além disso, o nosso estilo de vida sedentário permite que o Estado nos vigie: temos de declarar uma mudança de morada e o Estado tem acesso ao local onde vivemos. O estilo de vida nómada, sendo o oposto do sedentarismo, não o permite.

E se todos nos tornássemos nómadas? Esta poderia ser uma possibilidade, dada a crise habitacional sem precedentes que a Europa atravessa atualmente. Já não estaríamos a falar dos sem-abrigo, mas sim de uma mudança de paradigma.

III/Espaços de vida em crise, um contexto propício ao pensamento distópico

A) Estudo de caso sobre a crise da habitação na Europa

Há vários anos que a Europa está a viver uma crise de habitação sem precedentes. O número de sem-abrigo não pára de aumentar, com muitas pessoas a fazerem esta opção de vida em contradição com os valores e normas que lhes são impostos, mas também com muitas pessoas a perderem as suas casas devido a grandes dificuldades financeiras. Os números falam por si: estima-se que, entre 2015 e 2021, o preço de compra de um imóvel terá aumentado 40% e as rendas 25%. Estas percentagens são assustadoras e estão a mudar os hábitos das famílias, com 40% do orçamento destinado à habitação.

Além disso, a aquisição de imóveis por investidores estrangeiros encarece as rendas e os residentes locais não podem pagar tanto. Em França, por exemplo, a compra de um imóvel em Paris significaria para uma pessoa de classe média uma poupança de quase 20 anos, sem contar com o facto de que, neste tipo de cidades muito atraentes, é difícil encontrar um alojamento que caiba no orçamento e seja prático para a vida quotidiana, pelo que, muitas vezes, é preciso optar entre viver longe do local de trabalho e pagar menos ou pagar mais. Em Portugal, por exemplo, 56% dos jovens entre os 25 e os 34 anos vivem com os pais, o que pode levantar questões em termos de construção social. Os governos, como o português, estão a tomar medidas para resolver estes problemas, como o fim dos incentivos aos investidores estrangeiros em março de 2023. No entanto, é legítimo fazer perguntas e estar preocupado, dada a inflação que a Europa está a enfrentar. A nível pessoal, esta situação é preocupante. Enquanto estudante, tive vários empregos de estudante e vi-me obrigado a voltar a viver com os meus pais porque o custo de vida não permitia pagar a renda.

B) Pensamento distópico

Se as coisas não mudarem, então talvez seja possível pensar de forma alternativa, talvez a cultura nómada possa ser uma solução? E se a situação não melhorar e todos ficarmos sem casa? É este o tema do conto de Andreu Domingo: no seu futuro imaginário, a demografia explodiria, a população envelheceria e os fluxos migratórios tornariam impossível encontrar alojamento. Hoje em dia, estes fenómenos já se observam nas fronteiras da Europa e a questão da habitação coloca-se para os países que já não têm capacidade para fornecer habitação ou mesmo emprego para todos.

Conclusão

Entendemos, portanto, que os espaços são um reflexo da sociedade e induzem comportamentos sociais. Nos espaços em crise e na crise da habitação, o imaginário pode ser uma saída para o ser humano. O imaginário, e conseqüentemente a distopia, pode levar-nos a pensar de forma alternativa: se a sociedade não melhorar, teremos de encontrar novas formas de habitar os nossos espaços. Vimos também que o abrigo pode ser traduzido em construção e que seria mais sensato afastarmo-nos da matéria cultivada, para citar Gordon Matta Clark. E se a nossa forma de construir e moldar o habitat já não fosse a mais correcta? E se a cultura nómada, agora em minoria, se tornasse uma nova norma, tal como as heterotopias podem conduzir a novas normas?

Vivemos também num mundo em que o espaço de construção é cada vez mais escasso. Os nossos espaços estão a começar a diminuir devido ao crescimento exponencial da população. Não é preciso ir muito longe para compreender o estilo de vida nómada: espécies naturais como os moluscos, os caracóis e as tartarugas deslocam-se de um lugar para outro com as suas casas às costas. A forma natural da concha é um pensamento positivo para os seres humanos, uma vez que nos traz boas recordações de férias e bons tempos e pode tornar-se um abrigo contra a violência do mundo. Pensar numa microarquitectura nómada em forma de concha suavizaria a paisagem, mas é também uma forma tecnicamente favorável ao conforto (isolamento e acústica).

E se, nesta distopia, encontrássemos uma solução em que o problema de encontrar um lugar para viver deixasse de ser um problema, porque teríamos a nossa própria microarquitectura nómada, o nosso próprio abrigo no qual nos sentiríamos em casa em qualquer lugar? O objetivo seria mudar a norma dominante, tornando a vida nómada uma norma aceite e permitindo uma maior liberdade apesar dos desastres da sociedade. Neste sentido, a distopia pode tornar-se uma solução para a procura de refúgio, um refúgio que guardamos e que dá rédea solta aos nossos pensamentos individuais e pessoais, que também pode ser um momento de refúgio para nós num mundo onde a velocidade nos invade.

Bibliografia

Andreu Domingo, Demodystopias: prospects of a demographic hell, Population and Development Review, Vol 34, N°4, 2008

Cécile Leconte e Cédric Passard, Retorno ao futuro, distopia hoje, in Quaderni 2021/1, Ed. de la Maison des Sciences de l'Homme

Clément Dessy e Valérie Sténon, A imaginação visual da distopia (1840-1940), Ed. Presses Universitaires du Septentrion, Coll.Littératures, 2015

David Harvey, Cidades Rebeldes, Ed. Buchet-Chastel, 2012

Dominique Pagès, Dos mundos perfeitos aos mundos possíveis: os territórios equívocos da utopia, in Quaderni, n°41, 2000

Georges Pérec, Espécies de Espaço, Ed. Galilée, 1974

Gilles Deleuze e Félix Guattari, Mil Tabuleiros, Ed. de Minuit, 1980

Gordon Matta Clark, Material Matters, Ed. Routledge, 2007

Michel Foucault, Espaços e outros, Conferência no círculo de estudos de arquitetura, 1967

Norbert Elias, Utopia, Ed. La découverte, 2014

Sitografia

<https://www.enviesdeville.fr/habitat/crise-du-logement-benchmark/>

<https://blanchethouse.org/homeless-houseless-unhoused-glossary-about-homelessness/>

<http://geoconfluences.ens-lyon.fr/glossaire/heterotopie>

<https://mspace.lib.umanitoba.ca/server/api/core/bitstreams/4dacfe02-a672-4198-884e-e7838e696e13/content>